

Luis Henrique de Queiroz Araújo

Obra de Referência: GOHEEN, Michael W. A Igreja Missional na Bíblia: luz para as nações. São Paulo: Vida Nova, 2015.

Um novo lugar para o evangelho e um novo papel para a igreja

Michael W. Goheen inicia seu texto com a lembrança da influência do cartesianismo para o ocidente. Ele explica o quanto isso afeta a mensagem do evangelho, já que “o evangelho não é acessível ao método científico.” (GOHEEN, p. 30). Essa mentalidade reduziu a igreja e a mensagem do evangelho à inferioridade no debate público.

A igreja pós-iluminismo passou a ser vista como um ajuntamento de pessoas que tiveram uma experiência de fé, apenas isso. Pode-se dizer que a igreja foi “jogada” para a periferia do diálogo. Tornando-se apenas algo que diz respeito a esfera espiritual. Inclusive as experiências religiosas foram tidas como algo individual, portanto, podendo ser relativizadas. Sem dúvidas, Goheen aborda temas delicados que a igreja sofreu e tem sofrido devido a cultura ocidental.

O autor levanta questões sobre como a igreja se submeteu a mentalidade humanista do ocidente e passou a interpretar a redenção de Deus somente no que diz ao relacionamento restabelecido com o homem e não com toda criação. A igreja aceitou passivamente toda influência externa da cultura iluminista e perdeu sua verdadeira essência que é participar da missão de Deus no mundo, a fim de restaurar a criação.

Goheen destaca o surgimento do Iluminismo no século XVIII e fala de seu objetivo na Europa, onde procurou guiar o mundo para uma renovação por meio da ciência e da tecnologia, assim como, procurou organizar a sociedade de forma racional.

O autor também explica que as forças por trás da cosmovisão ocidental são: a globalização, o pós-modernismo e o consumismo.

É neste contexto que a igreja está inserida, e sobre essa questão da igreja Michael Goheen, pontua: “Quando a igreja assume o papel designado a ela numa cultura de consumo e aceita ser moldada por essa história, ela se torna mera vendedora de bens e serviços religiosos.” (GOHEEN, p. 32). Ainda sobre o posicionamento da igreja, o autor dialoga com Sampson que diz: “O desafio para a igreja é assumir sua tarefa na reforma e na renovação da vida como um todo, em vez de se tornar mais um serviço de atendimento ao cliente isolado.” (SAMPSON, “Rise of Postmodernity”, 42).

Michael W. Goheen, trouxe, também, a questão imagética da igreja. Ele afirma que a igreja cumpre seu papel ao longo da história e a forma como ela atua determina sua identidade e, portanto, imagem no contexto em que está inserida. O autor elenca algumas imagens da igreja ocidental, que é influenciada pelo iluminismo e consumismo. A primeira imagem é da igreja vista como um shopping; segunda, a igreja é tida como centro comunitário; terceira, a igreja é entendida como uma empresa; quarta, a igreja pode ser vista, também, como teatro; quinta, a igreja é tida como sala de aula; sexta, muito compreendem a igreja como um hospital ou spa; sétima, a igreja ficou marcada como um seminário motivacional; oitava, a igreja é tida como assistente social; e, por fim, a igreja é vista somente como um amparo social. Fica evidente que nestes pontos há distorções sobre o papel bíblico da igreja, e para corrigir essas divergências, o autor discorre sobre o que, de fato, caracteriza uma igreja biblicamente missional. Ele diz:

“Quando Jesus sobe ao palco público da história, ele propaga as boas novas: ‘O reino de Deus chegou’. Sua mensagem diz respeito a renovação cósmica, à restauração de toda a criação e de toda vida humana e sociedade; ela não é o tipo de anúncio a ser relegado à seção religiosa do jornal, antes permanece sendo notícia mundial, matéria de primeira página, isto é, se formos fiéis à compreensão do evangelho como ele foi transmitido em seu contexto cultural original, e não na forma truncada como frequentemente é apresentado hoje.” (GOHEEN, p. 35)

Dito isso, fica evidente que a igreja age em prol de algo muito maior que fica só na esfera material ou espiritual. Jesus, como rei, não reivindica apenas uma ou outra esfera da criação. Como rei, ele quer toda criação e, portanto, transformá-la por completo, para que aconteça como está em Filipenses 2.1011: “[...] ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.” Para Goheen, a igreja deveria voltar à suas origens, procurar identificar qual foi a missão de Jesus na terra e o que ele designou para seus seguidores. A primeira solução para que a igreja não ficar acorrentada nos vieses iluministas e consumistas de nosso tempo, é ela voltar-se para o Nazareno e procurar nele a direção a ser seguida.

Para finalizar, Goheen lista ao menos cinco pontos onde a igreja pode nortear-se para que a pregação do evangelho seja relevante e transformadora. Em primeiro lugar, os ouvintes do evangelho precisam entender que a história da criação é uma história, também, de redenção; em segundo lugar, é necessário que seja inculcado que Deus quer restaurar toda criação e não apenas a humanidade; em terceiro lugar, o reino de Deus já está presente, portanto, Deus já está agindo para que tudo seja redimido e renovado; em quarto lugar, é preciso ter consciência de que o povo do reino, é um povo eleito, lavado e redimido pelo sangue de Jesus Cristo, este povo compõe a igreja que é convocada para participar da missão de Deus no mundo; por fim, em quinto lugar, a história é progressiva, desde a queda a história da redenção tem sido escrita e vivenciada pelo povo de Deus.

Diante do exposto, fica claro que Michael W. Goheen foi certo em sua análise histórica e contextual da igreja ocidental. A leitura foi edificante, relevante e provocativa, com toda certeza recomendaria para outras pessoas. Num modo geral, o entendimento de que precisamos voltar às origens dos ensinamentos de Jesus Cristo foi o que mais me instigou e levou a reflexão de que não podemos nos perder no tempo, mas estar focado na missão dada por Jesus Cristo a sua igreja.